

## TRANSCRIÇÕES

### SOBRE A FORMAÇÃO DOS NOMES DE MULHER MEDIEVAIS HISPANO-VISIGODOS

Joseph M. Piel

#### INTRODUÇÃO.

Desde que Meyer-Lübke publicou, em 1914, o seu conhecido trabalho sobre os antropónimos medievais portugueses de origem germânica<sup>1</sup>, os nomes de pessoa visigodos da Península, tirante o capítulo respectivo do valioso estudo de P. Aebischer sobre o onomástico catalão dos séc. IX-X<sup>2</sup>, só voltaram a ser objecto de estudo sob o aspecto dos seus relictos toponímicos<sup>3</sup>, não obstante o seu valor intrínseco relativo ao conhecimento da própria língua goda, de tradições literárias tão pobres<sup>4</sup>, e mesmo nulas no que respeita à Hispânia. Não cremos, com efeito, que futuros dicionários e gramáticas deste idioma – o qual, segundo se admite, se extinguiu no decorrer do séc. VII, e que foi o mais arcaico e castiço rebento do tronco linguístico germânico – possam prescindir dos numerosos e importantes elementos contidos na enorme massa de nomes godos, arquivada em muitos milhares de cartas e diplomas da Idade Média<sup>5</sup>. É verdade que isto exige o trabalho preliminar da recolha sistemática e em base segura dos antropónimos respectivos, tarefa ingrata que há de incidir sobre todos os cartulários antigos, impressos e por publicar. De qualquer forma, a realização de tal léxico constitui um *desideratum* urgente da filologia tanto hispânica como germânica, tornando-se necessário, atendendo à multiplicidade e dispersão das fontes, que seja o fruto da colaboração entre investigadores espanhóis e portugueses.

Nas páginas que se seguem propomo-nos coligir e analisar materiais novos para o estudo de um pequeno grupo desses nomes – os nomes de mulher –, que constituem uma categoria morfológicamente bem definida e que, por serem em número muito menor que os masculinos, se prestam para serem tratados, embora sumariamente, numa contribuição necessariamente limitada pela própria natureza da publicação a que se destina. No que toca à escolha do assunto, lembraremos, para a justificar, o infatigável interesse que o venerando Mestre, a quem é dedicada esta Miscelânea, sempre demonstrou pelo léxico onomástico, do qual soube tirar, principalmente nas *Orígenes*, tão preciosos ensinamentos, sem querermos insistir no grande apreço que testemunhou, em todos os seus trabalhos sobre a génese da epopeia espanhola, pelo passado visigodo da Península.

É possível que a nossa achega tenha alguma utilidade para os historiadores medievalistas, porquanto, ao consultar os cartulários até à data publicados, se nota que os nomes germânicos, elementos linguísticos algo estranhos para quem manejava o rude instrumento do latim medieval, podem constituir uma autêntica "cru" para o

editor, desde que não se trata de elementos frequentemente abonados, e que, mesmo em publicações recentes e feitas com o máximo escrupulo e competência, não são raros os equívocos relativos a antropónimos, cuja interpretação pressupõe um conjunto de conhecimentos filológicos de que só excepcionalmente dispõe o medievalista. Uma das dificuldades com que se vê a braços, está precisamente em distinguir devidamente os nomes de homens dos nomes de mulheres, nos casos em que o sexo dos indivíduos não vem especificado, ou se não pode inferir do contexto.

A nossa lista comentada, que abrange cerca de 260 nomes femininos, sem contar as variantes, não pode de modo algum pretender estar completa, visto que não se funda numa leitura sistemática dos cartulários e outras fontes existentes, resultando apenas de leituras e consultas ocasionais. Mesmo assim, cremos que dará uma ideia relativamente fiel do que seriam os nomes germânicos usados pelas mulheres peninsulares nos séculos medievos.

Adoptando um critério já consagrado, distinguiremos três tipos fundamentais de formação: 1º nomes bitemáticos; 2º nomes formados com o auxílio de um sufixo; e 3º nomes monotemáticos. Na primeira destas categorias guiar-nos-emos pelo segundo elemento da composição, que é o mais característico e foneticamente menos contaminado, porquanto nele incidia normalmente o acento românico. Por ser demasiado delicada e correr muitas vezes o risco de se tornar arbitrária, desistimos da tentativa de restaurá-los na sua forma primitiva gótica, como se tem feito, com maior ou menor felicidade, noutros trabalhos desta natureza, sem de modo algum querermos diminuir o interesse que pode haver, para o germanista, na reconstituição dos protótipos respectivos. Inútil se torna frisar que isto constitui uma tarefa particularmente espinhosa, quando está em causa uma língua tão fragmentariamente conhecida como o gótico, cuja última fase de evolução, para mais, ignoramos em absoluto.

Antes de prosseguirmos, parece conveniente lembrar alguns factos fundamentais relacionados com o nosso assunto. É sabido que a grande maioria dos nomes próprios germânicos se apresentam como palavras compostas de dois elementos do léxico comum, consagrados na sua função onomástica por uma longa tradição, que se perde na obscuridade dos tempos. Esses elementos, ligados entre si por meio de uma vogal ("Fugenvokal"), podem ser subordinados ou coordenados um em relação ao outro. Por via de regra, trata-se de vocábulos (substantivos ou adjectivos) pertencentes ao estilo poético, cuja significação se prestava para caracterizar favoravelmente um indivíduo. Na escolha de alguns, entrevêm-se certas concepções mitológicas e poéticas, que não raro se furtam a uma interpretação rigorosa. O que no nosso caso interessa particularmente, é o facto de existir uma distinção característica, embora não absoluta, entre os elementos lexicais que entram nos nomes de homens, e os escolhidos na formação dos nomes de mulher. Há muito que nestes últimos se reconheceu a expressão do ideal feminino germânico, o qual Müllenhoff, numa fórmula feliz, condensou na palavra **valquíria**. Ao passo que o ideal do homem está no herói, fulgurante de virtudes, o da mulher tem algo de sobre-humano, de divino. Este deve ter-se formado, como observou E. Schroeder numa bela conferência feita em 1907<sup>6</sup>, numa era longínqua, muito anterior à cristã, em que a vida significava essencialmente guerra, e a crença nas

valquírias, essas deusas personificadas das batalhas, ocupava um lugar eminente na mitologia germânica, confundindo-se com concepções de divindades dos bosques e das águas. É esta a circunstância que explica a presença, à primeira vista um tanto desconcertante, de grande número de palavras que significam guerra e batalha, como **hild** e **gund**, ou armas, como **brunna**, nos nomes do sexo que a natureza não predestinou para o duro mister das armas. Nesta última classe de nomes, Schroeder observou, aliás, uma subtil diferenciação, que está em não admitir, como segundo componente, um substantivo que designa uma arma – existe a formação **Brunhilda**, mas não **Hildbrunna** – procedimento corrente nos nomes de homem, onde abundam formas em **-ger**, **-brand**, **-rand**, **-helm** (dardo, espada, escudo, elmo), etc. Participando, como no-lo diz expressamente Tácito, de grande parte dos ideais e actividades do homem, de quem era companheira na vida agitada das guerras, caçadas e migrações, a mulher estava contudo excluída, a avaliar pelos nomes, do exercício de certas funções, como o **-munt**, a tutela, termo privativo do onomástico masculino. Em compensação, parece ter sido da sua atribuição o culto daquela sabedoria secreta e transcendental, expressa pela palavra **rûna**, bem como a protecção simbólica do guerreiro e a recolha dos feridos no campo de batalha, privilégio que estaria na base de nomes como **Hildi-wara**, **Gund-wara**, **Hildi-burg** e **Wal-burg**, cujos segundos componentes querem dizer "que preserva, que cuida de", e os primeiros "batalha" e "campo de batalha". No entanto, não seria prudente julgar que os princípios de formação dos ginecónimos (perdoe-se-nos este neologismo), a que acabámos de aludir, eram rigidamente observados, mesmo nos períodos arcaicos, e não devem ter sido raros os casos em que o nome de um parente masculino intervinha na forma do nome a dar a uma rapariga. Se analisarmos uma forma peninsular como **Eldegundia** (séc. X), que corresponde ao ant. alto alem. **Hildegunt**, sendo tipicamente feminina, porquanto não existem praticamente nomes de homem em **-gund(i)o**, chegaremos rapidamente à conclusão de que aquela formação é morfológicamente um absurdo, visto combinar dois sinónimos que exprimem a mesma ideia de "luta".

Foi esta a razão que nos levou a não insistir demasiado na significação atribuível aos nomes compostos, consciente dos escolhos que ameaçam o incauto, que com demasiada facilidade cede aos impulsos da fantasia. Além de a análise etimológica de bastantes raízes onomásticas estar sujeita à controvérsia, pode fãcilmente suceder que, mesmo depois de aclarada a origem dos dois temas de composição, a significação do nome respectivo continue tão enigmática como dantes.

Há ainda a acrescentar que, segundo Schroeder, a selecção dos segundos elementos compositivos deveria obedecer originariamente a determinado princípio morfológico, que reservava nomes comuns masculinos para nomes de homens, e femininos para nomes de mulheres, sendo radicalmente excluídos os neutros, procedimento que se encontra em flagrante contraste com os usos do onomástico grego, que admite correntemente nomes em **-χρατοζ** e **εργοζ**, bem como substantivos femininos como **ἀγορά**, **βονλή** e **νίχη** em nomes de homens. Tal costume reflecte-se no facto de existirem determinadas desinências onomásticas, como as tiradas do gót. **\*gunpi** "luta", **liuba** "amor", **\*weig-** "combate" e **\*prups** "força" (cf. nas páginas

seguintes as seções III, VI, XIII e XVIII), que são privativas de nomes de mulheres, embora as ideias que exprimem não sejam de modo algum inadequadas ao homem.

Na lista que elaborámos notaremos a falta de não poucos elementos característicos, peculiares a outras línguas germânicas, como **-flêt (-flât)** "beleza", **-lind** "suave", **-heid**, **-gard** (de significação incerta) e outros, e que parecem pertencer a uma camada onomástica mais recente que aquela em que se fixaram os nomes godos, transparecendo neles sentimentos mais delicados e humanos, que levam a chamar a uma rapariga, p. ex., a **Bemvinda**, a **Desejada** ou **Presente da Fortuna**.

A decadência da velha poesia coreográfico-épica, de cujas concepções, estilo e vocabulário o primitivo onomástico se encontrava profundamente impregnado, não podia deixar de ter graves repercussões neste. Por outro lado, a convivência, no solo do Império Romano, dos germanos com populações de língua latina, assim como o progressivo esquecimento do idioma nativo, tiveram de ser prejudiciais à subtil arquitectura dos antigos nomes, obliterando-se os princípios e regras em que assentavam. Vemos, com efeito, como por toda a parte surgem novos nomes, resultantes do cruzamento arbitrário dos preexistentes, e como nomes femininos se criam analógicamente a masculinos, e vice-versa, o que se observa primeiro entre os ostrogodos e, mais tarde, entre os borgúndios e francos ocidentais, ao passo que os anglo-saxões se mantêm durante mais tempo fieis ao estilo poético nacional e, por conseguinte, ao carácter primitivo dos seus nomes. Acrescentaremos que a anarquia, que a certa altura começa a desfigurar os nomes germânicos, pode ter em parte derivado da própria riqueza original do vocabulário onomástico, que devia constituir uma sedução perigosa para as forças iminentes da linguagem.

Porém, mesmo assim, é preciso salientar que o onomástico hispano-visigodo espelha ainda, com bastante fidelidade, a situação primitiva, embora não seja de presumir que os homens dos séculos VIII-X conservassem a memória do valor e simbolismo das denominações que usavam. Além-Pirinéus, e nos tempos de Carlos Magno, sucede, com efeito, que um abade de Saint Mihiel, chamado Smaragdus, se lembra de explicar – para citar só um exemplo – o nome **Richmunt** por "potens bucca", o que patenteia a sua ignorância quanto à verdadeira significação do termo **munt** – que mencionámos há pouco –, o qual confunde com **mund** "boca". Ora, se isto podia acontecer no Norte da França, país muito mais efectivamente germanizado que a Península, o que é atestado no considerável volume dos germanismos lexicais e topónimos não antropónimos, dificilmente se poderá imaginar que, para a rude gente da época asturiana, os nomes visigodos com que ela se apelidava, fossem mais do que elementos eufónicos, sujeitos a determinadas convenções de ordem morfológica, mas despidos de significação concreta. Se não estamos em erro, merece ser invocado ainda outro aspecto do problema da tenaz sobrevivência do léxico onomástico visigodo, ao qual já aludimos noutra parte. Referimo-nos ao facto paradoxal de o verdadeiro florescimento desses nomes se dar numa época, em que o reino dos visigodos deixara de ser uma realidade política, e a língua goda ter verossimilmente sucumbido à vulgar latina<sup>7</sup>. Com efeito, ao passo que nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, colecção que abarca os séculos IV-VIII, os nomes visigodos se apresentam na proporção aproximada

de 1:5 em relação aos latino-cristãos, poderiam citar-se inúmeros documentos dos séc. VIII-X, em que esta proporção é precisamente a inversa<sup>8</sup>. É verdade que este contraste pode ter a sua explicação na tradição epigráfica relativamente pobre da Espanha visigoda, ou em hábitos funerários particulares da população adventícia germânica, mas não é menos legítimo interpretarmos o estranho fenómeno como manifestação consciente ou inconsciente de um espírito nacional, renascido sob a ameaça muçulmana, como uma espécie de culto da **Gothorum gens et patria**, expressão sinónima, para S. Isidoro, de **Espanha**. Por outras palavras: a invulgar riqueza do onomástico hispanogodo<sup>9</sup> teria as suas raízes nas mesmas forças subterrâneas que, depois de um longo domínio do direito romano da **Lex Visigothorum**, fizeram renascer, nos forais medievais, o direito consuetudinário germânico, e, na epopeia castelhana, velhos temas e lendas, que, na autorizada opinião do grande Mestre, a quem respeitosa e prestamos, na presente Miscelânea, o nosso tributo de grata admiração, só podem derivar de perdidos **Heldenlieder** dos visigodos<sup>10</sup>.

ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS CITADOS SUMARIAMENTE<sup>11</sup>

- Aebischer*: P. AEBISCHER, *Essai sur l'onomastique catalane du IX<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle*. Barcelona, 1928.
- Cart. Liéb.*: *Cartulario de Santo Toribio de Liébana*, ed. L. SÁNCHEZ BELDA. Madrid, 1948.
- Cart. S. Vicente*: *Cartulario de San Vicente de Oviedo*, ed. L. SERRANO. Madrid, 1929.
- Cortesão, OM*: *Onomástico Medieval Português*, coligido por A. A. CORTESÃO. Sep. de *O Arqueólogo Português*, vols. VIII e segs. Lisboa, 1912.
- Diehl*: *Inscriptiones latinae christianae veteres*, ed. E. DIEHL. Berlim, 1925 ss.
- Dipl.*: *Monumenta Portugaliae Historica, Diplomata et Chartae*, I. Lisboa, 1867 ss.
- DPM III*: *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Particulares*, vol. III, ed. Academia Portuguesa de História. Lisboa, 1940.
- Feist.*: S. FEIST, *Vergleichendes Wörterbuch der gotischen Sprache*. Leiden, 1939.
- Förstemann*: E. FÖRSTEMANN, *Altdeutsches Namenbuch, I: Personennamen*. 2<sup>a</sup> ed. Bonn, 1900.
- Gal. Hist.*: *Colección Diplomática de "Galicia Histórica"*, año I. Santiago, 1901.
- Gamillscheg*: E. GAMILLSCHEG, *Romania Germanica*, 3 vols. Berlin, 1934-36.
- Grienberger*: T. VON GRIENBERGER, *Recensão crítica de Meyer-Lübke, Romanische Namenstudien*, I. In: *Zeitschrift für deutsche Philologie*, 37 (1905), pp. 541-560.
- Hübner, IHC*: *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, ed. E. Huebner, Berlim, 1871. Supplementum, 1900.
- Inquis*: *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, I. Lisboa, 1888 ss.
- Meyer-Lübke, Rom. Nam. I*: W. MEYER-LÜBKE. *Romanische Namenstudien*, I. Viena, 1905.
- Meyer-Lübke, Rom. Nam. II*: W. MEYER-LÜBKE *Romanische Namenstudien*, II. Viena, 1917.
- Nomes germânicos*: J. M. PIEL, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*. Sep. do *Boletim de Filologia*, t. II e segs. Lisboa, 1936 e 1945.
- Sachs*: G. SACHS, *Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*. Jena e Leipzig, 1932.
- Sáez, Doc. gall.*: E. SÁEZ, *Documentos gallegos inéditos del período asturiano*. Sep. del *Anuario de Historia del Derecho Español*, vol. XVIII. Madrid, 1947.
- Sáez, Nuevos doc.*: E. SÁEZ, *Nuevos documentos inéditos del reino de Asturias*. Sep. da *Revista Portuguesa de História*, t. III. Coimbra, 1945.
- Sánchez-Albornoz. Doc. inéd.*: C. SÁNCHEZ-ALBORNOZ, *Serie de documentos inéditos del reino de Asturias*. In: *Cuadernos de Historia de España*, t. I-II. Buenos Aires, 1944, pp. 298-381.
- Schönfeld*: M. SCHÖNFELD, *Wörterbuch der altgermanischen Personen- und Völkernamen*. Heidelberg, 1911.
- Script.*: *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, I. Lisboa, 1856 ss.
- Vives*: J. VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*. Barcelona, 1942.

## A. NOMES BITEMÁTICOS.

## I. -breda, -brida.

1. **Ansobrida**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 7.
2. **Cenabrida**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 7.
3. **Genopreda**, séc. XI, Dipl. 212.
4. **Mectubrida**, séc. X, Sáez, Doc. gall., nº 15.
5. **Monobreda**, séc. XI, Dipl. 301 e 526.
6. **Retefreda**, séc. X, Cartul. Liébana, nº 38.
7. **Sonobrida**, séc. X, Gal. Hist., 226.

O componente **-breda** parece representar uma forma evoluida de **-freda** (cf. **AFRICANUS** > **abregão**), o qual, como nos nomes masculinos em **-fredus**, tem a sua origem em **\*fripus** "paz". Meyer-Lübke, *Roman. Namenst.* I, 57, registou apenas **Monobreda**. É curioso notar que, nos nomes de homem, a forma com **fr** é quase a única, ao passo que nos femininos predomina a forma com **br**. Isto explicar-se-ia porventura pelo facto de **\*fripus** ser componente inicial frequente em nomes de homem (**Fredenandus**, **Fredericus**, **Fredemundus**, etc.), o que não sucede nos de mulher. No primeiro caso podia haver a tendência para dar ao **-fr-** interior o mesmo valor que tinha no princípio dos nomes, ao passo que, no segundo, este grupo consonântico pôde seguir o curso normal da evolução fonética. Aquele duplo tratamento reflecte-se ainda modernamente em topónimos como **Guilhabreu** a par de **Guilhofrei**<sup>12</sup>. Quanto ao **i** da forma divergente **-brida**, cremos que se trata da vogal primitiva gótica como aparece no nome da princesa ostrogoda **Amalafrida** (séc. VI). A avaliar pelos exemplos acima apontados, a sua evolução para **e** seria posterior aos séc. IX-X. Note-se, contudo, que não conhecemos nomes peninsulares antigos em **-fridus**<sup>13</sup>. O nome **Genopreda** não passa certamente de uma grafia hiper-correcta de **\*Genobreda**. Numa inscrição cristã de 579 (Hübner 396, Diehl 3793, Vives 69) ocorre duas vezes a forma **Imafrita**, que Diehl achou tão estranha que pergunta se não seria lapso por **Emerita**. Está claro que se trata de **Imafrita**, com **t** a representar o **p** de gótico.

## II. -godo, -goto, -coto.

1. **Astrogoto**, séc. X, Gal. Hist. 226 (repetido); **Estregoto**, séc. XI, Cart. Liébana, nº 79.
2. **Entregoto**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 20 (repetido).
3. **Ermegoto**, séc. XI, Dipl. 178.
4. **Guldregodo**, séc. XI, Dipl. 132; **Goldregodo**, séc. XI, Dipl. 553; **Guldregudo**, séc. XI, Dipl. 165; **Goldrecodo**, séc. XI, Dipl. 184.
5. **Leuegoto**, séc. X, Gal. Hist. 226; **Leobedoto**, *ibid.*; **Leuegoto**, séc. XI, Dipl. 136; **Leucoto**, séc. XI, Dipl. 412.
6. **Sabegoto**, séc. X, Gal. Hist. 226 (repetido).
7. **Uistregoto**, séc. X, Cartul. Liébana, nº 13 (dativo **Uistregotoni**).

A explicação deste grupo onomástico pelo próprio nome dos godos (masc. \*gūta, fem. \*gūto; cf. **Gut-piuda** "povo dos godos", no dicionário de Feist), preconizada por Meyer-Lübke I, 62, que aponta as formas **Goldorogodo** e **Levecota** (convém emendá-las para **Goldrogodo** e **Levecoto**), parece-nos muito plausível. Os primeiros elementos de composição são todos conhecidos. Förstemann, 1286, traz o femin. **Sabigotho**, que corresponde precisamente ao **Sabegoto** da nossa lista. A propósito de **Entregoto**, é legítimo perguntar se não haverá erro de leitura, tratando-se na realidade de \***Estregodo**, forma evoluída de **Astrogodo** (cf. top. port. **Esturãos** < **Asturianos**). Aebischer, 29 s., recolheu **Ellregodo** (**Ellegod**), **Guldregudo** (= nº 4) e **Savegoda** (= nº 6). Confirma-se a hipótese deste Autor quando compara **Savegoda** com **Sabegoto** de Förstemann.

### III. -gundia, -(g)onça.

1. **Adegundia**, séc. X, Dipl. 103.
2. **Alaguntia**, séc. X, Dipl. 33.
3. **Aldegundia**, séc. X, Dipl. 65 (dat. **Aldegundie**); **Aldonza**, séc. XIII, Inquis. 361<sup>a</sup>, e frequente em fontes espanholas.
4. **Aragunti**, séc. IX-X, Dipl. 3 e 4; **Aracunti**, séc. XI, Dipl. 548; séc. XII, DMP, III, nº 382; **Aracunte**, séc. XIII, Inquis. 656<sup>b</sup>. Förstemann, col. 137, aponta igualmente a forma **Aragunti**, tirada dos Acta Sanctorum, e referente à Espanha; **Aragonti**, séc. XI, Cartul. S. Vicente, nº 76.
5. **Astragundia**, séc. XI, Dipl. 3.
6. **Ebragundia**, séc. X, Gal. Hist. 226.
7. **Eldegundia**, séc. X, Dipl. 49; genit. **Eldegundie**, séc. XI, Dipl. 166; **Eldonza**, **Ildonza**, séc. XI, Dipl. 198; **Eldolca** (c = ç), séc. XI, Dipl. 520.
8. **Ermegundia**, séc. X, Gal. Hist. 226; séc. XI, Dipl. 287 e 327; **Ermegonza**, séc. XI, Dipl. 220 e 407; Inquis. 347; **Hermegonça**, séc. XV, Script. 214; **Ermegunza**, séc. XIII, Inquis. 130; **Ermionda**, séc. XI, Dipl. 282 (?).
9. **Fradegundia**, séc. X, Dipl. 70 e 171.
10. **Fredegundia**, séc. XI, Dipl. 171.
11. **Helaguntia**, séc. XI, Sáez, Doc. gall., nº 8.
12. **Leodegundia**, séc. XI, Dipl. 547; **Leodegundie** (genit.), séc. X, Dipl. 99 e 108; **Leodecundia**, DMP III, nº 3; **Ledegundia**, séc. X, Dipl. 21; séc. XI, Cartul. S. Vicente, nº 41; **Leegundia**, séc. XIII, Inquis. 157<sup>b</sup>; **Leogunda**, séc. XV, Script. 181.
13. **Sisegundie** (genit.), séc. IX, Dipl. 3; **Sesgundia**, séc. XI, Dipl. 261 e 376.
14. **Tedegundia**, séc. XI, Dipl. 266; **Tudegonzia**, **Tedegoncia**, séc. X, Cartul. Liébana, nº 38; **Tedegonza**, séc. XI, Cartul. S. Vicente, nº 47.
15. **Treitegundia**, séc. X, Dipl. 57; **Treiteguntia**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 8.
16. **Troitegunda**, séc. X, Dipl. 90.



Em conformidade com os outros idiomas germânicos, os nomes visigodos em **-gund-** são exclusivamente femininos. A sua forma particular hispânica, **-gundia**, opõe-se ao longobardo **-gunda**, ao franco (Político de Irmião) **-gundis**, bem como ao próprio gótico da Bíblia, **-gunpi** (genit. **gunpiôs**, dat. **gunpiai**, acus. **gunpia**). Referindo-se a este problema, Meyer-Lübke, I, 63, admite que, segundo o tipo morfológico de **giba** "dádiva" (**gibôs**, **gibai**; declinação em **ô-**) se teria criado um novo nominativo analógico **\*gunpia**. Esta explicação parece-nos mais judiciosa do que a de von Grienberger (p. 550), que preferia ver em **-gundia** uma latinização de **-gundi**. Não se vê, com efeito, a razão por que tal tendência de prover um nome em **-i** com a característica dos femininos latinos, se teria feito sentir em **-gundi**, e não em **-hildi** (cf. o artigo seguinte), elemento que, apesar de apresentar uma estrutura idêntica à de **-gundi**, não deu azo a formações em **-ildia**. A diferenciação morfológica dos dois membros de composição deve, portanto, remontar ao próprio visigodo.

Meyer-Lübke não deixou também de aludir à variante fonética **-gonça**, **-gonza**, que representa a mesma evolução hispânica que observamos no ant. port. **vergonça**, esp. **vergüenza**. Causa estranheza o facto de **-gonça** ter sido reduzido a **-onça** em **Aldonça**, sem que isto se produzisse em **Ermegonça**<sup>14</sup>. Finalmente existe ainda o caso isolado de **Aragunti** (nº 4 da nossa lista), com uma desinência **i** que opõe esta forma a todas as outras. Tratar-se-á por acaso de uma sobrevivência isolada do tipo **-gunpi**, a que nos referimos acima, ou de um elemento lexical diferente do que entra nos nomes em **-gundia**? É verdade que o topónimo **Argonça** (**Casal de -**, conc. de Lousada, distr. do Porto) faz supor que existiu uma variante antiga **\*Aragundia**. Numa inscrição tumular de 624 (Vives 188, Hübner 138), de Pontevedra, figura o nome (**corpus**) **Ermengon[ti]**, que Vives, julgando tratar-se do genitivo de um nome de homem, restituiu para **Ermengontius**, quando o seu carácter feminino está fora de dúvida.

Para a Catalunha, Aebischer, 30, recolheu as formas **Algoncia** (= nº 3), **Enguncia**, **Ermegoncia** (= nº 8) e **Trasegontia**.

#### IV. -ildi.

1. **Ansuildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
2. **Aroildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
3. **Astruildi**, séc. X, Dipl. 15; **Astrildi**, séc. X, Dipl. 15.
4. **Brunildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
- 4<sup>a</sup>. **Daildi**, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 7.
5. **Donadildi**, séc. X, Dipl. 22.
6. **Ebrildi**, séc. X, Gal. Hist., 226
7. **Eramildi**, séc. X, Gal. Hist., 226; **Ermildi**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 8
8. **Guanadildi**, séc. X, Dipl. 40.
- 8<sup>a</sup>. **Guduildi** (cognomento **Nunina**), séc. X, Sáez, Doc. gall., nº 15.
9. **Guntildi**, séc. XI, Dipl. 152.
10. **Quistrilli**, séc. XI, Cartul. S. Vicente, nº 51.
11. **Romildi**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 9.
12. **Sanildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
13. **Sauildi**, séc. X, Dipl. 28.

14. **Sisildi**, séc. IX-X, Dipl. 3.
15. **Sonildi**, séc. X, Dipl. 40; **Sunildi**, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 9.
16. **Sontrildi**, séc. XI, Dipl. 229.
17. **Stanildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
18. **Teudildi**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 25.
19. **Trasuildi**, séc. X, Dipl. 19.
20. **Trudildi**, séc. X, Dipl. 14 e 94; séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 13.
21. **Uanagildi**, séc. X, Gal. Hist., 226.
22. **Uiuildi**, séc. X, Dipl. 37.
23. **Vistrildi**, séc. XII, Cartul. S. Vicente, nº 150.

Meyer-Lübke, I, 67, arquivou apenas oito exemplos de nomes de mulheres em **-ildi**, elemento de composição feminino por excelência (Förstemann enumera 309 exemplos femininos, contra 9 masculinos), e que ascende a **\*hildi** "combate", que se deve considerar tema em **jô-** (flexão **\*hildi**, genit. **hildjôs**, como **hōftuli**, genit. **hōftuljôs** "gloria"). Sobre a forma divergente **-illi**, veja-se o artigo que se segue. Na Catalunha, os nomes em **-ildi** são incomparavelmente mais raros. Aebischer traz apenas **Dadilde** (= nº 4ª ?), **Ermilde** (= nº 7) e **Archenelde**, cujo primeiro elemento revela um nome não gótico.

#### V. **-illi, -ili.**

1. **Abronilli**, séc. X, Dipl., nº 175.
2. **Ansilli**, séc. IX, Cart. Liébana, nº 3.
3. **Aruilli**, séc. XI, Dipl. 215.
4. **Astruilli**, séc. XI, Dipl. 15; **Astrilli**, DMP III, nº 3.
5. **Autilli**, séc. XI, Dipl. 256.
6. **Barili**, séc. XI, Dipl. 539; cf. nº 12.
7. **Bauduilli**, séc. X, Cart. Liébana, nº 38.
8. **Berilli**, séc. XI, Dipl. 326.
9. **Bronilli**, séc. XI, Dipl. 203; Cart. Liébana, nº<sup>os</sup> 20, 22; **Bronili**, séc. XI, Dipl. 153 (cf. top. **villa Broyli**, séc. XIII, Inquis. 493 e 589); **Brunilli**, séc. XI, Dipl. 203.
10. **Crestilli**, séc. XI, Dipl. 287.
11. **Donadilli**, séc. XI, Dipl. 137; **Donaili**, séc. XI, Dipl. 341.
12. **Ebraili**, séc. XI, Dipl. 122; **Ebrilli**, séc. XI, Dipl. 261 e 375; **Ebrili**, séc. X, Dipl. 82; **Ibrailli**, séc. XI, Dipl. 355; **Ibrili**, séc. XI, Dipl. 446; **Braili**, séc. XI, Dipl. 225; **Barili**, séc. XI, Dipl. 539.
13. **Framilli**, séc. X, Dipl. 97.
14. **Fredili**, séc. XI, Dipl. 220.
15. **Froili**, séc. IX, Dipl. 6.
16. **Fronilli**, **Fronili**, séc. XI, Dipl. 148; **Fruilhe**, séc. XV, Script. 287.
17. **Gaudilli**, séc. XI, Dipl. 371 e 378; **Gaudili**, séc. XI, Dipl. 144 e 184.
18. **Gesili** (?), séc. XI, Dipl. 282 (cf. villa **Gesilli**, séc. XI, Dipl. 260).
19. **Gogilli**, séc. X, Dipl. 78.

20. **Gontilli**, séc. XI, Dipl. 136; **Gontili**, séc. XI, Dipl. 293; **Guntilli**, séc. X, Dipl. 110.
21. **Guanadilli**, séc. X, Dipl. 40.
22. **Guinilli**, séc. IX, Dipl. 5; **Quinilli**, séc. IX, Dipl. 6 e 7; cf. **Uinili**, nº 44.
- 22<sup>a</sup>. **Iremsilli (Irmesilli ?)**, séc. X, Cart. Liébana, nº 24.
23. **Leouilli**, séc. X, Dipl. 69 e 244; **Leuuii**, séc. XI, Dipl. 508.
24. **Matilli**, séc. XI, Dipl. 149.
- 24<sup>a</sup>. **Meitilli**, séc. XI, Dipl. 161.
25. **Moyli**, séc. XI, Dipl. 128.
26. **Mudilli**, séc. X, Dipl. 109.
- [26<sup>a</sup>. **Pusilli**, séc. X, Dipl. 55, que Cortesão traz como antropónimo, é de eliminar, porquanto se trata do nom. plur. de **pusillus** (... **nos clientuli ac pusilli** ...)].
27. **Quederilli**, séc. XI, Dipl. 136.
- 27<sup>a</sup>. **Quinilli**, séc. IX, Dipl. 4.
28. **Riquilli**, séc. X, Dipl. 49 e 192.
29. **Rumili**, top. séc. IX, Dipl. 314.
30. **Saruilli, Saruili**, séc. X, Dipl. 97; **Sarili**, séc. XI, Dipl. 115.
31. **Sasuili**, séc. X, Dipl. 50.
32. **Sisilli, Sisili**, séc. X, Dipl. 49.
33. **Sonilli**, séc. XI, Dipl. 162.
- 33<sup>a</sup>. **Sontrilli**, séc. X, Dipl. 11, 16, etc.; **Sontrili**, séc. XIII, Dipl. 136 e 547.
34. **Spanilli**, séc. XI, Dipl. 194.
35. **Sparilli, Esparilli**, séc. XI, Dipl. 351 e 562; **Sparrilli**, séc. XI, Dipl. 351 e 557.
36. **Teodilli**, séc. X, Dipl. 49 e 176; Cart. Liébana, nº 20.
37. **Teodonili**, séc. XI, Dipl. 205.
38. **Teuuii**, séc. XII, DMP III, nº 409; **Tiuilli**, séc. XII, Dipl. 668; **Tivili**, séc. XIII, Inquis. 399.
39. **Trasilli**, séc. X, Dipl. 39; **Tresilli, Tresili**, séc. XI, Dipl. 125.
40. **Tructilli**, séc. XI, Dipl. 178.
41. **Trudilli**, séc. X, Dipl. 9; **Trudili**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 10; **Trodilli**, séc. XI, Dipl. 368.
42. **Trunquilli**, séc. X, Dipl. 79.
43. **Uistrilli**, séc. X, Cart. Liébana, nº<sup>os</sup> 54, 64, 65, 69; **Uistrili**, séc. XI, Dipl. 127; **Guestrilli**, Cart. Liébana, nº<sup>os</sup> 51, 53.
44. **Uinili**, séc. X, Dipl. 70; cf. **Quinilli**, nº 27<sup>a</sup>.
45. **Uiulli**, séc. XI, Dipl. 282 e 308; **Uiuii**, séc. XI, Dipl. 141.
46. **Sponili**, séc. XI, Dipl. 520; **Spuii**, séc. XI, Dipl. 525.
47. **Tauili** (fem. ?), séc. XIII, Inquis. 428<sup>a</sup>.

Segundo se vê pelo número dos exemplos, **-illi, -ili** pode ser considerado o elemento de formação mais fecundo da categoria de nomes que aqui estudamos. O seu carácter feminino está fora de qualquer dúvida, não se justificando que Cortesão lhes atribua frequentemente o género masculino. Meyer-Lübke, *Roman. Namenst.* I, 93 s., classificou-o de sufixo diminutivo, que corresponderia ao elemento **-ili**, que ocorre no

ant. alto alemão. Esta opinião foi justamente rebatida por von Grienberger, pág. 552, que explica **-ili** como forma normalmente evoluída de **-ildi**, e degenerada em sufixo. Com efeito, se compararmos a lista de nomes em **-illi** com a precedente, notaremos um paralelismo perfeito das formações respectivas: **Ansuldi / Ansilli**, **Aroildi / Aruili**, **Astruildi / Astruili**, **Brunildi / Brunilli**, **Donadildi / Donadilli**, etc. Tirante isto, é ainda de notar que as formas com **-ld-** são, de um modo geral, mais antigas que as formas com **-ll-**, pertencendo quase todas ainda ao séc. X. A afirmação de Meyer-Lübke, de que o português não conhece o fenómeno assimilatório **-ld- > -ll-**, **-l-**, vem contradita pelas desinências toponímicas frequentes **-gil**, equivalente a **-gilde**, e **-il**, equivalente a **-ilde**, e ambas procedentes dos genit. **-gildi** e **ildi** de nomes de possesores em **-gildus** e **-ildus**. Além disto, pode apontar-se o caso de **alcalde**, por **alcalde**, corrente nos diplomas de Silos. Por outro lado, parece impossível concordar com von Grienberger, quando admite que a desinência **-i** de **-illi** não passa de uma grafia equivalente ao acus. latino **-em**. Trata-se, sem sombra de dúvida, da sobrevivência do tipo morfológico gótico em **-i**, ao qual aludimos no artigo precedente.

Num ou noutro caso **-illi** pode estar como genitivo de nomes masculinos em **-ildus**, ou mesmo de nomes em **-ila**, falsamente latinizado em **-ilus**. Tais arbitrariedades não deixam, porém, de constituir casos excepcionais, que não vêm afectar o carácter fundamentalmente feminino da referida terminação.

Diremos ainda que o fenómeno assimilatório, a que aludimos, se produziu também nos nomes respectivos catalães, onde, segundo Aebischer, 32, ocorrem **Ermelle** (a par de **Ermilde**), **Adalelle**, **Lodelle** e **Richelle**; cf. também **Ermillis**, a pág. 24 do citado trabalho.

## VI. **-leuba**, **-leova**.

1. **Adeleoua**, séc. VIII, Cart. Liébana, nº 1; **Adileoba**, séc. IX, Sáez, Nuevos doc., nº 8.
2. **Argileuua**, séc. X, Dipl. 34 e 237; **Argileoua**, séc. X, Dipl. 83; **Argeleuba**, séc. X, Gal. Hist. 226.
3. **Astileoua**, séc. XI, Dipl. 153; **Astileuua**, séc. XI, Dipl. 203.
4. **Eileuba**, séc. XI, Dipl. 121; **Eileuua**, séc. X, Dipl. 31; **Eileua**, séc. XI, Dipl. 356; **Eilena**, séc. XI, Dipl. 237 (emende-se **n** para **u**); **Eleuua**, séc. X, Dipl. 24; **Elleuua**, séc. XI, Dipl. 407; [**Heiuua**, séc. X, Dipl. 51]; **Ileuba**, séc. XI, Dipl. 236; **Ileuua**, **Ileua**, séc. XI, Dipl. 320.
5. **Freileuua**, séc. XI, Dipl. 381.
6. **Fruleuua**, séc. XII, Dipl. 635.
7. **Gudileuba**, séc. X, Gal. Hist. 226; **Gudiseba**, no mesmo documento, deve esta por **\*Gudileba**; **Gudiliu[va]**, numa inscrição de 594, Hübner 115, Vives 303, Diehl 1815.
8. **Sindeleoba**, séc. IX, Sáez, Nuevos doc., nº 8; **Sindileuba**, séc. X, Gal. Hist., 226; **Sindileuua**, séc. X, Dipl. 57; **Sendileuua**, séc. XI, Dipl. 472.

A base destas formações é o gót. \***liuba** "amor", que entra no adj. **liubaleiks** "amoroso" (= *προζφιληζ*). Contrariamente ao que se observa em outros idiomas germânicos (cf. Förstemann, 1019), são exclusivamente femininos os nomes peninsulares que apresentam este substantivo no seu segundo componente, como sucede, aliás, com os nomes históricos **Ereleuva** (princesa ostrogoda), **Gudeliva** (rainha ostrogoda) e **Froiliuba** (esposa do rei Fáfila de Astúria; cf. Vives, Inscr. Crist., nº 315, a. 737), que corresponde ao nº 6 da nossa lista, contendo na sua primeira parte a palavra **frauja** "senhor". As formas registadas sob o nº 4 devem ascender ao tema \***agi-** "gume, espada", sendo de notar as transformações fonéticas **agi- > ei- > e- > i-**. **Svinthiliuba**, "famula Christi" que figura nas **Inscr. Hisp. Christ.**, 20 (Celorico da Beira), vem a ser o protótipo das formas correspondentes ao nº 8. Aebischer recolheu no onomástico medieval catalão os exemplos **Argeleva** (= nº 2), **Kindeleva**, **Richeleva**, **Sendeleva** (= nº 8) e **Todeleva**.

## VII. -mera, -mira.

1. **Gendemira**, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 13.
2. **Ramira**, séc. XI, Dipl. 456.
3. **Resemera**, séc. X, Dipl. 94.
4. **Songimera**, séc. X, Dipl. 69.
5. **Uestremira**, séc. X, Dipl. 34.

Segundo se vê pela escassez dos exemplos, estamos em presença de simples formações analógicas ao fecundíssimo elemento masculino **-mirus** "grande, famoso" (gót. **mereis**). Merecem a nossa atenção as duas variantes em **-mera**, que conservaram a vogal primitiva do étimo visigodo, ao passo que nas formas masculinas se produziu sempre o "umlaut" para **i**, manifestamente sob a acção da vogal final, segundo já admitiu Hirt; cf. a este propósito Meyer-Lübke, II, p. 24. Aebischer, 35, só traz **Tresmira**, a. 1000.

## VIII. -nanda.

**Fredenanda**, séc. X, Sáez, Doc. gall., nº 16; Dipl. 57 e 251.

Estando absolutamente isolado, o nome **Fredenanda** revela-se como sendo uma formação ocasional e analógica de **Fredenando**. O tema \***nanp-** "audaz" era, com efeito, exclusivo dos antropónimos masculinos. Isto não evitou, porém, que o nome **Fernanda** fizesse uma brilhante carreira.

## IX. -rica.

1. **Fromarica**, séc. XI, Dipl. 129.
2. **Toderica**, séc. X, Dipl. 128.

O caso destes dois nomes é o mesmo que o das formas transcritas nos dois artigos precedentes. Seduzido pela enorme massa de masculinos em **-ricus**, **-rigo** (do gót. **reikis** "poderoso"), houve quem esporadicamente se lembrasse de criar femininos segundo o modelo de **Fromaricus** e **Teodericus**. O facto de haver tão poucas transgressões à regra fundamental de que certos elementos formativos são da prerrogativa exclusiva dos varões, prova que a consciência linguística, que lhe dera origem, não se tinha ainda obliterado.

### X. -rona.

1. **Gunderona**, séc. IX-X, Dipl. 3.
2. **Tederona**, séc. X, Dipl. 98.

Nada obsta a que liguemos, como faz M. L., I, 75, o elemento **-rona** ao gót. **runa** "segredo", que já apontámos na introdução, e que aparece noutros dialectos germânicos como formativo de nomes de mulheres; cf. Förstemann, 1284, que aponta precisamente uma **Gunderuna** e uma **Theoderuna**, referindo-se igualmente a uma mulher ostrogoda chamada **Runilo**. Meyer-Lübke julgou dever citar, a par de **Gunderona**, a forma **Fulderona**. Houve, porém, equívoco, como justamente observou von Grienberger, 546, porquanto a forma, que se lê nos Dipl. 16, soa **Fulderone**, tratando-se de um antropónimo masculino do tipo morfológico em **-o**, **-onis**.

### XI. -salba.

**Gondissalba**, séc. X, Dipl. 106; **Gundisalba**, séc. X, Dipl. 96.

### XII. -sinda, -senda.

1. **Adosinda**, séc. IX, Dipl. 7; séc. X, Gal Hist. 226; séc. XII, DMP III, nº 3; **Adousinda**, séc. XI, Dipl. 302; **Adousenda**, séc. XI, Dipl. 276 e 309; **Adausenda**, séc. XI, Dipl. 302.
2. **Agesinda**; cf. Meyer-Lübke, I, 77.
3. **Aldosinda**, séc. XI, Dipl. 170.
4. **Argesinda**, séc. XI, Dipl. 539; **Argesenda**, séc. XI, Dipl. 498.
5. **Arosinda**, séc. XI (?), Dipl. 564.
6. **Artisenda**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 22.
7. **Ausinda**, séc. XI, Dipl. 373.
8. **Cenusenda**, séc. X, Dipl. 29 (Lorvão); cf. o apelido **Ceozendiz**, séc. XI, Dipl. 530 (Lorvão).
9. **Eggisenda**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 21.
10. **Eldesinda**, **Ildesinda**, séc. XI, Dipl. 128; **Elsinda**, séc. XI, Dipl. 203; **Elsedosinda** (?), séc. X, Cartul. Liébana, nº 24.
11. **Ergesenda**, séc. XI, Dipl. 564; **Ersenda**, séc. XI, Dipl. 258.

12. **Ermesinda**, séc. IX, Dipl. 7 e 19; **Ermosinda**, séc. X, Dipl. 20 e 82; **Ermesenda**, séc. XI, Dipl. 148 e 214; **Ermisenda**, **Hermesinda**, séc. X, Dipl. 87.
13. **Fredesinda**, Sáez, Nuevos doc., nº 6, 11, 12.
14. **Fremosinda**, séc. X, Dipl. 106.
15. **Gilsenda**, séc. XI, Cartul. Liébana, nº 78.
16. **Gogisinda**, séc. XII, DMP III, nº 3.
17. **Gudesinda**, séc. X, Cartul. Liébana, nº 24.
18. **Guetesenda**, top., séc. XI, Dipl. 526.
19. **Guisenda**, séc. IX-X, Dipl. 3 e 59.
- 19<sup>a</sup>. **Honosinda**, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 13.
- 19<sup>b</sup>. **Justesenda**, séc. XII, DMP III, p. 184.
20. **Leodesinda**, séc. XI, Dipl. 113; **Leudesinda**, séc. IX, Sáez, Nuevos doc., nº 2; Cartul. Liébana, nº 11.
21. **Manosinda**, séc. X, Gal. Hist. 226.
22. **Ousinda**, séc. XI, Dipl. 512; **Ousenda**, séc. XI, Dipl. 276; Inquis., 139; Script. 300.
23. **Peruisenda**, séc. X, Dipl. 57.
24. **Recesinda**, séc. IX, Cartul. S. Vicente, nº 6; **Reoesenda**, séc. XI, Dipl. 162, deve estar por **Recesenda**.
25. **Segisinda**, séc. XI, Dipl. 525.
26. **Teodesinda**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 13.

Entre os oito nomes em **-senda**, que constam da lista de Meyer-Lübke, não conseguimos abonar **Goisenda** e **Legesinda**. Sobre a origem daquele elemento, basta dizer que parece ter havido confusão entre dois temas bastante parecidos, que coincidiram na sua evolução fonética: **swinpei** “força” e **sinps** “caminho”; ver sobre este problema *Roman. Namenst.* I, 77 s. Uma forma como **Teodesinda** evoca, com efeito, o nome histórico **Teudeswintha** (cf. também **Amalasintha**, **Goswintha** e **Matasintha**, em Schönfeld). Não devem ser poucos os casos, em que se trata de meras formações analógicas segundo nomes masculinos em **-indus**; cf. **Fremosindo**, **Fremosendo** (Dipl. 546 e 136) a par de **Fremosinda**; **Segesindo** (Dipl. 229) a par de **Segesinda**. Na alternância i/e, que se manifesta em **-sinda/-senda**, repete-se o fenómeno a que aludimos a propósito de **-brida/-breda**. Em documentos catalães, Aebischer encontrou: **Adalsinda**, **Arsindis**, **Ermesinda**, **-sindis**, **Gersinda**, **Gilsenda**, **Ielesinda**, **Lunisenda**, **Nadesinda** e os híbridos **Bonesinda** (a par do masc. **Bonesindus**) e **(E)spanesinda**; cf. p. 37 s.

### XIII. **-trudia, -trode.**

1. **Alatrudia**, séc. X, Dipl. 33.
2. **Anietrudia**, séc. XI, Dipl. 157; **Agnietrudie** (dat.), séc. IX, Sáez, Nuevos doc., nº 8; **Antrudia**, séc. XI, Dipl. 307.
- [3. **Ermedridia** (sic !), séc. X, Gal. Hist., 226; cf. o nome que se segue.]

4. **Ermentruia**, séc. XII, DMP III, nº 342; **Ermentro**, séc. X, Dipl. 98 e 166; cf. também **Ermengro** (= **Ermentro** ?), séc. XI, Dipl. 139, e **Ermento**, séc. IX, Dipl. 242.
5. **Gundetrudia**, séc. x, Gal. Hist., 226; **Guntrode**, séc. XI, Dipl. 358; **Guntrote**, séc. XI, Dipl. 358; **Controde**, séc. XI, Dipl. 253; **Controte**, séc. XI, Dipl. 420; **Gunterodo**, séc. XI, Cart. S. Vicente, nº 112; **Gontrodo**, séc. XI, Cart. S. Vicente, nº 59, pass.; **Gontroda**, séc. X, Cart. Liébana, nº<sup>os</sup> 57 e 68; **Gontró** (o acento é da nossa responsabilidade), séc. XI, Dipl. 282.
6. **Penetrudie** (dat.), séc. IX (817), Sáez, Doc. gall., nº 1; **Penedruia**, séc. X, Dipl. 75.
7. **Qualatrudia**, séc. X, Dipl. 88; **Golatrudia**, séc. X, Cart. S. Vicente, nº 19; **Gulatrudia**, séc. IX, Cart. Liébana, nº<sup>os</sup> 19, 20, etc.; **Gulatrudiene** (?), séc. X, *ibid.*, nº 54.
8. **Recedrudi**, **Recedrudia**, séc. X, Gal. Hist. 226; **Recatrudia**, séc. XI, Dipl. 256; **Recadrugia**, séc. XI, Dipl. 389.
9. **Senetrudia**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 10; **Senadrudia**, séc. XI, Dipl. 224; **Senadrugia**, séc. XI, Dipl. 184.

Meyer-Lübke, I, 80, arquivou apenas as formas **Alatrudea**, **Ermentró** e **Guntrode**. O tipo de formação mais arcaico é o tipo em **-trudi**, **-trode**, porquanto reflecte um tema em **-jô**: **\*prudi** "força" (genit. **\*prudjôs**), exactamente como os nomes em **-ildi**, **-illi**, ao passo que as formas em **-trudia** apresentam a inovação morfológica que abriu caminho nos nomes em **-gundia**. Posteriormente, **-trode** evoluiu normalmente para **-troe**, **-tró** (cf. AV(I)OLA > avoa > avó), e **-trudia** para **-truia**.

Entre os primeiros elementos de composição, são enigmáticos os que correspondem aos nº 2 (**anj-**), 6 (**pen-**) e 7 (**qual-** = **gual-**, **gol-**). Este último parece dever prender-se com **walisa** "escolhido, amado", que está em **Gualamiro**, séc. X, Dipl. 92; cf. o nome histórico **Valamer**, rei ostrogodo. A evolução de **gual-** para **gol-**, **gul-**, evoca o caso do port. **gomil** < AQUAMANILE. **Penetrudia**, nome assegurado por duas abonações de data e procedência diferentes, causa estranheza com o seu **p** inicial, que o gótico praticamente desconhecia. Aebischer, 27, abonou três nomes em **-trud-**: **Amalatrudes**, **Ermetruite** (= nº 4) e **Retrude** (= nº 8).

#### XIV. **-vara, -ara.**

1. **Goldara**, séc. XV, Script. 299 (patronímico **Goldarez-**, **-ares**), **Goldora**, séc. XV, Script. 204 e 369 (patron. **Goldorez**); **Gulderes**, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 13.
2. **Ilduara**, séc. X e XI, Dipl. 56 e 301; **Ildara**, **Ielduara**, séc. XI, Dipl. 407; **Elduara**, séc. X, Dipl. 24; **Etlduara**<sup>15</sup>, séc. XI, Dipl. 253; **Eldoara**, **Eldura**, séc. XI, Dipl. 193; **Eldora**, séc. XI, Dipl. 116 e 190; **Aldara**, séc. XI, Dipl. 512; **Aldora**, séc. XIII, Inquis. 160.
3. **Qualavara**, séc. X, Dipl. 293.



4. **Senduara**, séc. XI, Dipl. 378.
5. **Teodora, Teodora**, séc. XI, Dipl. 186 e 214; **Todara**, séc. XI, Dipl. 208.
6. **Uaduuara**, séc. IX-X, Dipl. 3.
7. **Uiflauara, Uisflauara**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 8.

O género das formas correspondentes aos nºs 5-7 não ressalta do contexto, sendo porém de presumir que são também femininas, porquanto os masculinos respectivos terminam em **-us**: **Oduarus, Senduarus, Gelduarus**, etc. A origem de **-(u)ara** deve buscar-se num adjectivo tirado do verbo **warjan** "estar atento". No dicionário de Schönfeld encontramos ainda **Radoara**, do CIL, XIII, sem indicação do género. Outros exemplos de ginecónimos, compostos com **-vara**, podem ver-se em Förstemann. 1531. A variante **-ora** parece ser devida a uma forte acção da semivogal **-u-** sobre o **-a-**, comparável, talvez, àquela que se observa em **courela** < \*QUADRELLA. Aebischer, p. 30, apontou as formas **Eldoara** (cf. nº 1), **Eguvara, Gisclavara** e **Oldoara**, atestando o género feminino apenas quanto à primeira.

#### XV. **-verga, -vergo**.

1. **Adadiuergo, Adadiuergo**, séc. X, Dipl. 433. Cortesão regista este nome como sendo masculino, opinião que nos parece inadmissível.
2. **Alivergo**, séc. XI, Dipl. 310; DMP III, nº 78 (duas vezes). Este nome, cujo primeiro elemento Meyer-Lübke, I, 56, considera enigmático, poderia constituir simples variante de **Adivergo**, com uma evolução análoga à de **Adefonsus** > **Alfonsus**. Notaremos, contudo, que Schönfeld arquivou a forma **Aliberga** como nome de uma mulher borgúndia, o que indicaria que o **l** de **Alivergo** é primitivo, pertencendo ao tema do gót. **aljjs** "outro, outrem".
3. **Astriuerga**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 10.
4. **Quindiuerga**, séc. X, Gal. Hist. 225; cf. **Quindeverga**, séc. XI, Aebischer, 26.
5. **Sengiuerga**, top. séc. XIII, Inquis. 541ª, mod. **Singeverga**. Em *Nomes germânicos*, nº 1271, admitimos equivocadamente que este nome de lugar, conhecido hoje por corresponder a um convento beneditino, remonta a uma nome masculino.
6. **Sindiuerga**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 4.
7. **Teodeuerga**, séc. X, Gal. Hist. 225.
8. **Uistreuerga**, séc. X, Gal. Hist. 225.

A base deste elemento, que Meyer-Lübke, I, 57, apoiado apenas em **Adadiuergo** e **Alibergo**, julgava ininterpretável, pertence sem dúvida alguma ao verbo forte **baírgan**, alem. mod. **bergen**, "conservar, proteger". O tipo morfológico **-uergo** segue o esquema dos femininos da declinação "fraca" em **-n** (p. ex. **tuggô**, genit. **tuggôns** "língua"), ao passo que **-uerga** se integra na classe "forte" chamada em **ô** (paradigma: **giba**, genit. **gibôs**). O primeiro seria o primitivo, o segundo o analógico à numerosa categoria de nomes femininos em **-o**. O valor semântico dos nomes, que constam da nossa lista, é mais ou menos transparente. Para a Catalunha, Aebischer abonou ainda **Gondeberga**

e **Flodeberga** (séc. X). A suposição deste erudito, de que possivelmente **-berga** não constituiria um elemento autóctono hispânico, não recebe confirmação pela lista dada acima.

#### XVI. **-verta, -verto.**

1. **Ildiverto, Idiverto**, séc. X, Dipl. 70 e 129 (fem. ?).
2. **Raniuerta**, séc. XI, Dipl. 448 e 459.
3. **Sisiberta**, Dipl. 722; (cf. **Sisibertus**, Dipl. 89).
4. **Todiverto** (femin. ?), séc. XI, Dipl. 292.

O tema onomástico **-bert, -vert**, que se prende com o gót. **bairhts** "claro", forma quase só nomes de homens. **-verta** não passa, por conseguinte, de uma forma analógica a **-vertus**. Se os dois nomes em **-verto** designam realmente seres femininos, teríamos o caso de **-vergo**, frente a **-verga**.

#### XVII. **-vidis.**

**Sitiuidis**, séc. X, Gal. Hist. 226.

Förstemann 1562 traz um grande número de nomes de mulher em **-vidis, -oidis**, a par de masculinos em **-wit, -vit**, etc. Nos *Diplomata*, 154, figura um topónimo português **Argivido** (séc. XI); cf. o nome galego **Argevid** e o port. **Gervide**, a que nos referimos em *Nomes germânicos*, nº 591. O primeiro componente de **Sitiuidis** deve ser o mesmo elemento que aparece no nome hipocorístico fem. **Siti**, Dipl. 223.

#### XVIII. **-(v)igia, -egia, -eja.**

1. **Faregia**, séc. X, Dipl. 74 e 122; top. **S. Martinho de Fareja**, séc. XIII, Inquis. 84; **Farega**, séc. X, Dipl. 40, 49 e 84.
- 1<sup>a</sup>. **Geluegia**, séc. XI, Dipl. 183.
2. **Guduigie** (genit.), séc. X, Gal. Hist. 226; **Godegia**, séc. XI, Dipl. 244, 246 e 490; **Godiga** (g = j), top., séc. XIII, Inquis 493<sup>a</sup>; **Godgia** (sic !), séc. XI, Dipl. 219.
3. **Guntuigia**, séc. X, Gal. Hist. 226.
4. **Ilduigia**, Meyer-Lübke, I, 82 (sem abonação); **Ildoie**, séc. IX-X, Dipl. 3; cf. o nome de homem **Eldoigius**, séc. X, Dipl. 19; **Eldigio**, séc. XI, Dipl. 230.
5. **Quienegia**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 10.
6. **Taegia**, séc. XI, Dipl. 438; **Tegia**, séc. XI, Dipl. 318 e 343.
7. **Tratiugia**, séc. X, Gal. Hist. 226.

8. **Sisuigia**, séc. X, Gal. Hist. 226.

9. **Uistregia**, séc. X, Dipl. 34 e 174; **Uistoregia**, séc. XI, Dipl. 154; **Uistreia**, séc. XI, Dipl. 92; **Uisteria**, séc. X, Dipl. 65; **Uestregia**, séc. XI, Dipl. 136 e 509; **Uestrega** (g = j), Dipl. 542.

Meyer-Lübke, I, 82, aponta apenas a forma **Ildvigia**, a qual, atendendo à variante **Ildvia**, sugere explicar por **wîhs** "santo". Ora cremos que, em face dos novos elementos que apontámos, não pode haver dúvida ser a forma com **g** a primária, devendo postular-se como étimo o tema **\*weig** "luta" (cf. Holtausen e Feist). Morfológicamente, os nomes em **-(v)igia** pertencem ao mesmo tipo que **-gundia**, apresentando, aliás, idêntico conteúdo semântico. O carácter feminino daqueles nomes manifesta-se na escolha dos primeiros elementos de composição. À p. 55 do citado estudo, Meyer-Lübke pensa que **Vistregia** (de **vistr-** "ocidente") se poderia explicar como formação híbrida em que entraria o sufixo latino **-ïdius**, **-igius**, explicação que a abundância dos respectivos nomes torna desnecessária. Em compensação, tem plena razão ao supor que **Quistricia**, numa inscrição cristã da colecção de Hübner, está por **Quistrigia** = **Vistrigia**. Causa certo embaraço a explicação da transformação de **-igia** em **-egia**. Parece que o **i** tónico se dissimilou do **i** semivocálico, como sucedeu em **Alepius** < **Alipius**, **Alypius** e **Ceprianus** (Vives, 354) < **Ciprianus**, **Cyprianus**. O nome correspondente ao nº 5 já vem numa inscrição de 662: **Quinigie** (genit.: cf. Hübner, 31; Vives, 31), não constituindo erro por **Cynegiae**, como lembrou Diehl, nº 2367. Em território catalão, Aebischer, p. 39 s., recolheu **Amalauigia** e **Gonteuigia** (séc. X).

### XIX. -vira, -viro.

1. **Arguiro** (fem. ?), séc. IX, Dipl. 4 e 257.

2. **Geluire**, **Gelvira**, **Gelouira**, **Geloira**, **Giluire**, **Giloira**, **Jeluire**, **Jeloira**, **Chelvira** – **Elvira**; deste nome ilustrado por uma rainha, tratou Meyer-Lübke, R. N., I, 48; ver também as observações de von Grienberger, p. 546. As formas com **g**-, **j**- são as ocidentais, a com **e**- (**Elvira**) a castelhana (cf. cast. **encía** frente a port. **gengiva**), que parece ter-se generalizado em Portugal a partir do séc. XI. Meyer-Lübke, *Einführung*<sup>3</sup>, 260, admite que o nome espanhol **Elvira** se difundiu na Europa através da lenda de D. João.

3. **Requiuro**, séc. XI, Dipl. 430; **Requivilo**, séc. XI, Dipl. 402.

Meyer-Lübke, *Rom. Nam.* I, explica **-vir-** pelo gót. **\*wers**, que corresponderia ao alto alem. **war**, significando "fiel, prestável". As dúvidas de Sachs, 116, que acha estranha a vogal **-i-**, onde se esperaria **-ê-**, poderia opôr-se o que dissemos a propósito de **-breda/-brida**; cf. A, I. Num epitáfio da região de Osma, publicado por Vives, nº 505, figura a legenda: **locus Anduirs, inl. fem., cum viro suo [And]uiro**, perguntando o Editor se estamos em presença de um nome celtibérico de matrona<sup>16</sup>. Sendo **and-** um elemento onomástico germânico (cf. Förstemann, 102), o segundo componente, **-uirs**, poderia estar por **-viris**, forma divergente de **-viro**, que entrevemos no enigmático **-biris**, em **Elisabiris**, **Lisabiris**, **Lisaviris**, do *Polyptychon Irminionis*, ed. Lognon, I, 256. É

verdade que, neste caso, a etimologia acima apontada seria de *rever*, porquanto um **-i-** em nomes francos não pode ser o equivalente de um **-ê-** gótico. Chamamos ainda a atenção para os nomes femininos borgúndios em **-wera**: **Gudowêra**, **Leubowêra**, **Rikowêra**, reconstituídos por Gamillscheg, III, 168.

## B. NOMES FORMADOS COM SUFIXO.

## I. -ilo.

1. \*Ailo, séc. IX, Cartul. Liéb., nº 12 (dat. Ailone).
2. Anilo, séc. XI, Dipl. 348 e 547; séc. XI, Sáez, Doc. gall., nº 4.
3. Argilo, Argelo, séc. XI, Dipl. 223.
4. Cindilu, Dipl. 90; cf. Meyer-Lübke, I, 92.
5. Cisilu, séc. X, Dipl. 33; Cislo, séc. X, Cartul. Liéb., nº 25; cf. Meyer-Lübke, II, 29.
6. Cumdilo, séc. X, Dipl. 57.
7. Daylu, séc. XI, Dipl. 289.
8. Egilo, séc. IX, Sáez, Doc. Gall., nº 1; séc. X, Dipl. 98 e 163; Egelo, séc. X, Dipl. 100 e 223; séc. XI, Cart. S. Vicente, nº 53; Hegelo, séc. IX-X, Dipl. 3; Eilo, séc. IX, Dipl. 6 e 94; Eilon, séc. X, Script. 257.
9. Emilo, séc. X, Dipl. 70; cf. o apelido masc. Emilazi, Omilaci, Emilaz, séc. X-XI.
10. Etualo (?), séc. X, Dipl. 98.
11. Ezilu, séc. X, Dipl. 61; cf. Icilu, Itilu, nº<sup>os</sup> 23 e 43.
12. Faquilo, séc. IX, Cart. Liéb., nº 14; séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 11; cf. Faquina.
13. Feruilum, séc. X, Dipl. 15.
14. Fridixilo, Frodisillo, séc. XI, Dipl. 265; Fridixillo, séc. XI, Dipl. 301; Fradixillo, séc. XI, Dipl. 391.
15. Froilo, séc. IX, Dipl. 7 e 22.
16. Geilo, séc. X, Dipl. 391; Gelo, séc. XI, Dipl. 322; cf. C 5.
17. Genilo, séc. XI, Dipl. 142; Genlo, séc. X, Gal. Hist. 226; séc. XI, Dipl. 301 e 370; Gemlo, séc. XI, Dipl. 390.
18. Gondilo, séc. IX, Dipl. 4; Gundilu, séc. X, Dipl. 50.
19. Guandilo, séc. X, Dipl. 65.
20. Gudilo, séc. X, Dipl. 14; Gudilone, séc. X, Dipl. 13.
21. Idilo, Idilu, séc. X, Dipl. 67 e 97.
22. Isilo (cognomento Sisina), séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 5.
23. Itilu, séc. XI, Dipl. 331; cf. Ezilu e Ycilu.
24. Livilo, séc. IX-X, Dipl. 3.
25. Nantilo, séc. XI, Dipl. 258.
26. Nunilo, séc. X, Gal. Hist. 226; Nunilo, Nunilu, séc. IX, Sánchez-Albornoz, Doc. inéd., nº 12.
27. Quilo, séc. X, Cart. S. Vicente, nº 93.
28. Riquilo, Requilo, séc. X, Dipl. 37 e 49; Riquio, séc. XI, Dipl. 515.
29. Sexusilo, top. do séc. XI, Dipl. 451.
30. Sicilo, séc. XI, Dipl. 191 e 275; cf. masc. Sicila, séc. XI, Dipl. 217.
31. Sindilo, séc. XI, Dipl. 239.
32. Spintilo, séc. X, Gal. Hist. 226 (duas vezes).

33. **Sunilo**, séc. IX, Dipl. 141; **Sunillo**, séc. XI, Dipl. 356; **Suilo**, DMP III, nº 448; cf. masc. **Sunila**, **Sunla**.
34. **Tadilo**, séc. X, Dipl. 82.
35. **Teodilo**, séc. X, Dipl. 33 e 70; **Teudilo**, séc. X, Dipl. 111; cf. masc. **Teodila**, séc. IX, Dipl. 8.
36. **Tequilo**, séc. XI, Dipl. 202 e 367; **Tequelo** séc. X, Gal. Hist. 226.
37. **Teuilo**, **Teuilo**, séc. XI, Dipl. 539 s.
38. **Tradilo**, séc. X, Dipl. 82.
39. **Trastalo**, séc. X, Dipl. 34 e 54; **Trastallum**, séc. XI, Dipl. 99.
40. **Trudilo**, séc. X, Dipl. 65 e 107; Gal. Hist. 226; **Truilo**, séc. XI, Dipl. 295; **Truylo**, séc. XI, Dipl. 385; **Truiu**, séc. XI, Dipl. 348 e 547; top. **Linar de Truyo**, séc. XIII, Inquis. 405<sup>b</sup>.
41. **Uandilo**, séc. XI, Dipl. 464; cf. masc. **Uandila**, séc. XI, Dipl. 564.
42. **Urillu**, séc. XI, Dipl. 171.
43. **Ycilu**, séc. XI, Dipl. 347.

O elemento **-ilo** vem a ser a forma feminina do sufixo **-ila**, que, com valor hipocorístico, se substitui ao segundo componente de nomes bitemáticos; cf gót. **mawilô** "rapariguinha", tirado de **mawi**. Kluge, *Nominale Stammbildungslehre*, §18, admite que, no léxico comum gótico, se teriam formado, por meio daquele sufixo, nomes intensivos de agentes. Segundo se vê pela lista, aliás incompleta, que reunimos, as formações femininas deste tipo foram extraordinariamente frequentes no NO da Península, não faltando também na parte oriental, visto que Aebischer, p. 23, abonou os exemplos **Adilo**, **Chixilo**, **Dazilo**, **Emilo** (cf. nº 9), **Fruilo** (cf. nº 15), **Guisilo**, **Ichilo** (cf. nº 43), **Igilo** (cf. nº 8), **Imilo**, **Luvilo** (cf. nº 24), **Punpilo**, **Quixilo** e **Savilo**. Em conformidade com **-ila**, **-ilanis**, os nomes em **-ilo** formam o genitivo em **-onis**, pormenor a fixar pelos editores de documentos medievais, porquanto não é lícito tirar, como faz por exemplo o editor do cartulário de S. Toríbio de Liébana, de um dativo **Ailone** (com **-e = -i**) um nominativo **Ailona**, sendo a única forma admissível **Ailo**. Não são raros os casos em que os nomes de mulher em **-ilo** formam parilha com masculinos em **-ila**, p. ex.: **Egila** / **Egilo**, **Danila** / **Danilo**, **Emila** / **Emilo**, **Froila** / **Froilo**, **Sicila** / **Sicilo**, **Teudila** / **Teudilo**, **Uandila** / **Uandilo**, etc. Por vezes, o **-i-** átono do sufixo sobre uma redução para **-e-**: **Egelo** a par de **Egilo**, **Argelo** a par de **Argilo**, notando-se o mesmo fenómeno nas formas catalãs **Amelo**, **Begeto**, **Cixelo**, **Elchelo** e **Lobelo**, citadas por Aebischer. Esporadicamente ocorrem também as vogais **-a-** e **-u-**: **Trastalo**, **Trastalum**, que deve constituir a forma feminina correspondente ao nome histórico **Thrafstila** (príncipe gepídio, a que se refere Jordanes), e **Etualo**, cuja terminação é a mesma que em **Quintalo**. Quanto a **-ulo** (Aebischer cita **Gisulo**, **Rimulo**), parece que esta variante se limita à Catalunha<sup>17</sup>. Nos ginecónimos portugueses há ainda a considerar o caso da dupla grafia do **-l-** (**Sunillo**, **Urillu**; cf. também masc. **Foilla** por **Froila**), bem como o emudecimento desta consoante, que transforma **-ilo** em **-io**, **-iu** (**Riquio** a par de **Riquilo**; **Truiu** a par de **Trudilo**, etc.). Um terceiro acidente, que se pode produzir, é a síncope da vogal do sufixo (**Genlo**, **Gemlo** apar de **Genilo**; **Cislo** apar de **Cisilu**). De um modo geral observa-se, porem, uma pronunciada tendência para conservar a integridade do sufixo, o qual está ainda em pleno vigor no séc. XI.

## II. -ina.

1. **Atina** séc. XI, Dipl. 7 e 15; **Adtina**, séc. X, Dipl. 19.
2. **Atruina**, séc. IX, Sáez, Doc. gall., nº 5.
3. **Daruina**, séc. IX, Sáez, Nuevos doc., nº 1.
- 3<sup>a</sup>. **Eldequina**, séc. X, Dipl. 33.
4. **Faquina**, séc. XI, Dipl. 282; **Facquina**, séc. X, Cartul. Liéb., nº 24.
5. **Getina**, séc. X, Dipl. 98.
6. **Godina**, séc. X, Dipl. 56; **Gudina**, séc. XI, Dipl. 116; Inquis. 574; **Guitina**, séc. X, Dipl. 85 e 94.
7. **Gogina**, séc. XI, Dipl. 186 e 202; **Cogina**, séc. XI, Cartul. S. Vicente, nº 31; **Gugina**, séc. X, Sáez, Doc. gall., nº 17; **Goína**, séc. XI, Dipl. 157; Inquis. 157; **Goinha**, séc. XV, Script. 175; (cf. **Gogilli**).
8. **Gondina**, séc. XI, Dipl. 188; **Gontina**, séc. XI, Dipl. 311 e 282; **Guntina**, séc. X, Dipl. 85 e 244; **Gontinha**, séc. XV, Script. 196.
- 8<sup>a</sup>. **Guncina**, séc. XI, Dipl. 161; **Gunzina**, séc. XI, Dipl. 293; **Goncina**, séc. XI, Dipl. 310.
9. **Grastina**, séc. XI, Dipl. 153; **Crastina**, séc. XI, Dipl. 125.
10. **Leovina**, séc. IX, Cartul. S. Vicente, nº 5.
11. **Nunnina**, séc. X, Gal. Hist. 226.
12. **Quitina**, séc. XI, Dipl. 683.
13. **Sendina**, séc. X, Dipl. 83 e 96; séc. X, Cartul S. Vicente, nº 22.
14. **Sisina**, séc. IX, Sáez, Doc. gall, nº 5; cf. B I 22: **Isilo**.
15. **Trastina**, séc. X, Dipl. 34 e 75.
16. **Tructina**, séc. X, Cartul. S. Vicente, nº 27.
17. **Trudina**, séc. X, Dipl. 226.
18. **Zugina**, séc. IX, Cartul. S. Vicente, nº 5.

A terminação **-ina** vem a ser a forma feminina de **-inus**, que por sua vez representa, em nomes germânicos, uma adaptação a este sufixo latino do sufixo diminutivo **-ein(s)**. A equivalência, ou quase equivalência, de **-ina** e **-ilo** é reconhecível através de formas paralelas como **Faquilo / Faquina**, **Nunilo / Nunina**, **Gudilo / Gudina**, etc. Exemplos como **Trastalo**, cognomentum **Trastina** (séc. X) e **Isilo**, cognomento **Sisina** (séc. IX) fazem supor que **-ina** tivesse um matiz familiar mais pronunciado que **-ilo**. A forma **Gutina** já figura numa inscrição do período visigodo; cf. Vives, nº 369. Alguns dos nomes transcritos devem, aliás, ser de formação tardia, como sucede com **Goncina**, **Guncina**, que pressupõe a transformação de **Gundia** em **Gonça**, **Gunça**. – Aebischer traz como único exemplo de **-ina** a forma **Bardina**.

## III. -isco.

**Hunisco**, séc. X, Dipl. 99; **Unisco**, séc. X, Dipl. 94, 107, etc.; **Unixco**, séc. XI, Dipl. 290; **Husco**, séc. XV, Script. 329.

Creemos que Meyer-Lübke, *Rom. Nam.* I, 98, acertou quando interpretou **Unisco** (genit. **Unisconis**) como significando "a huna". Não estariamos, pois, em presença de um sufixo próprio nome onomástico, mas simplesmente adjectívico, o mesmo que está nos advérbios **thiudisco** "pagão" e **judaiwisco** "judaicamente", o que explicaria o isolamento daquele nome hispânico. Nomes de pessoas, tirados de nomes de povos, não são raros; cf. Schönfeld, 253, **Vandalarius**, nome dum ostrogodo, que significaria "que combateu os vândalos", e **Uandilo** B I, 41. Também em **Hunia**, séc. XI, Dipl. 120, parece esconder-se um antropónimo do tipo de **Unisco**, ou seja **Hunila**, que figura no dicionário de Schönfeld como nome de mulher e de homem, devendo no primeiro caso ter havido latinização da terminação primitiva **-o** para **-a**<sup>18</sup>.

### C. NOMES MONOTEMÁTICOS.

1. **Emiso** (fem. ?), séc. XI, Dipl. 144 e 183. Meyer-Lübke, II, 28, leu por engano **Ermiso**, forma que julga provir de **Remiso**; cf. ainda Aebischer 24.
2. **Eudo** (fem. ?), séc. XI, Dipl. 158 e 270; cf. o ostrogodo **Eutharicus**, Schönfeld, 82.
3. **Euva**, séc. XIII, Inquis. 431<sup>b</sup>.
4. **Freda** (fem. ?), Dipl. 306.
5. **Geilo**, séc. XI, Dipl. 391; **Gelo**, séc. XI, Dipl. 322; **Genlo**, séc. XI, Dipl. 301 e 370; **Gemlo**, séc. XI, Dipl. 390. Nas duas últimas variantes, **-nl-** e **-ml-** estão por **-ll-**, como viu Meyer-Lübke, I, 86, que lembra as grafias **nunla** e **nunlis** por **nulla**, **nullis**. Trata-se possivelmente do elemento que está em **Gelvira**, **Elvira**, A, XIX, 2.
6. **Goda**, séc. X, Gal. Hist. 226; **Godda**, séc. XI, Dipl. 148.
7. **Godó**, séc. X, Dipl. 50 e 99; **Goto**, séc. XI, Dipl. 218 e 241; **Gotu**, séc. X, Dipl. 60; **Coto**, séc. XI, Dipl. 241; Inquis. 706.
8. **Gonza**, séc. XI, Dipl. 245 e 312. É forma evoluída de **Gundia**, nº 11.
9. **Greto**, séc. X, Dipl. 34.
10. **Guda**, séc. X, Dipl. 106; **Guta**, séc. XI, Dipl. 168.
11. **Gundia**, séc. XI, Dipl. 497 e 343; cf. **Gonza**.
12. **Guilo**, séc. XI, Dipl. 497; **Guilu**, séc. XI.
13. **Guina**, séc. XI, Dipl. 371 e 391; Inquis. 149; cf. **Guinilli**, A, V 22.
14. **Iddia**, séc. XI, Dipl. 500; cf. **Idilo**, **Idilu**, B, I 21.
15. **Ima** ? (no top. **Lama de Ima**), séc. XIII, Inquis. 708<sup>b</sup>; **Hyma**, séc. XIII, Inquis. 458<sup>b</sup>.
16. **Iuaba** (?), séc. X, Dipl. 56. (Será erro por **Liuba**, **Luba**?; cf. nº 18.)
17. **Launa** (?), séc. XI, Dipl. 154.
18. **Lluba** (erro de leitura por **Liuba**?; cf. o topónimo **Liwane**, séc. X, Dipl. 51), séc. XI, Dipl. 231; **Loba**, **Lopa**, séc. XI, Dipl. 267 e 344; **Lupa**, séc. XI, Dipl. 240 e 434. Deve tratar-se de uma forma hipocorística dum nome composto com **liuba** "amor". O lat. **lupa** não entra, a nosso ver, em linha de conta, por causa da significação fatal ("meretriz") inerente a esta palavra. É verdade que, depois de



obliterada esta significação, se poderia ter formado um **Lupa** por analogia com **Lupus, Lobo**.

19. **Mumma**, séc. X, Dipl. 104 e 550; **Mummadomna**, séc. X, Dipl. 20, 21, etc.; **Maumadomna**, séc. XI, Dipl. 230. Sobre estas formas, ver o comentário mais abaixo.
20. **Nania** (fem. ?), séc. XI, Dipl. 564.
21. **Quilio**, séc. XI, Dipl. 292 e 501; cf. masc. **Quilla**, séc. XI, Dipl. 136, e **Guilo**, nº 12.
22. **Siti**, séc. XI, Dipl. 223.
23. **Tegia**, séc. XI, Dipl. 318; Inquis. 343; cf. A XVIII, 6.
24. **Tela**, séc. XI, Dipl. 564.
25. **Teoda**, séc. X, Dipl. 68; **Toda**, séc. X, Dipl. 105 e 407; **Tota**, séc. XI, Dipl. 1002; **Tuta**, séc. XI, Dipl. 120 e 139; cf. os nomes de homens **Teudo, Teodo, Tedo, Teto**, etc.
26. **Tidi**, séc. XI, Dipl. 126
27. **Trado**, séc. X, Dipl. 106; cf. **Tradilo**, B I, 38, e Meyer-Lübke, II, 25.
28. **Troyo**, séc. XIII, Inquis. 401<sup>a</sup>.
29. **Uanda**, séc. X, Gal. Hist. 226.
30. **Ufo** (?), séc. XV, Script. 331.
31. **Zonza** (?), séc. X, Gal. Hist. 226.

Esta classe de antropónimos, constituídos por um tema único, e providos de uma desinência de flexão, é particularmente refractária a uma análise segura. De um modo geral, trata-se de formas chamadas hipocorísticas, quer dizer familiares, de nomes bitemáticos, amputados para este efeito de um dos seus componentes. Contudo, não é improvável que alguns dos nomes simples, que acima transcrevemos, sejam originais, representando sobrenomes antigos. Assim as formas **Emiso, Geilo, Goda** e **Luba (Loba)** evocam as do antigo alto alem. **Emmiza, Geila, Guota e Lioba**<sup>19</sup>, que se podem traduzir por "a constante, a bem-disposta, a boa, a carinhosa", e **Mumma** seria o equivalente do ant. alem. **muoma** "tía materna"<sup>20</sup>, lembrando o ant. alem. **Uota** "avós"<sup>21</sup>. Em contrapartida, as parelhas **Guina / Guinilli, Teoda / Teodildi (Teodilli), Trado / Tradillo** parecem indicar que as formas simples resultam das compostas. Alguns dos nomes monotemáticos dão, aliás, a impressão de serem formas foneticamente evoluídas de hipercorísmos em **-ilo**, por exemplo **Troyo=Trudilo**, ao passo que **Gundia (Gonça)** dificilmente se harmonizará com **Gundila**, que é nome exclusivamente masculino, devendo representar o gót. \***gunpi**, acrescido da característica românica **-a**<sup>22</sup>. Preferimos não levar por diante as nossas especulações sobre este aspecto da criação onomástica, cujo estudo exigiria um material mais abundante e uma análise minuciosa das formações masculinas respectivas, o que não cabe no quadro desta contribuição, sob todos os aspectos fragmentária.

## NOTAS

1. *Romanische Namenstudien; I, Die alportugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs*, sep. dos *Sitzungsberichte der kais. Akademie der Wissenschaften in Wien*, philos.-histor. Klasse, Bd. CXLIX. Uma segunda série de estudos antropónimicos: *Romanische Namenstudien; II, Weitere Beiträge zur Kenntnis der alportugiesischen Namen*, *ibid.*, 1917, traz, a págs. 20-30, rectificações e acrescentos à dissertação anterior.
2. *Essai sur l'onomastique catalane du IX<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle*; in *Publicacions de l'Oficina Romànica*, Barcelona, 1928.
3. Cf. J. J. NUNES, *O elemento germânico no onomástico português*, in *Homenaje Menéndez Pidal*, vol. II, pp. 577-603. – G. SACHS, *Die Germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal*, in *Berliner Beiträge zur romanischen Philologie*, Jena und Leipzig, 1932. – J. M. PIEL, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa; I. (Adães-Novegilde); II. (Oldrões-Zendo)*, sep. do *Boletim de Filologia*, tomo II e seguintes, Lisboa, 1936 e 1945. – O vol. I da grande obra de E. GAMILLSCHEG: *Romania Germanica*, Berlin-Leipzig, 1934, dá uma lista razoada de nomes visigodos do Sul da França (p. 305 e seguintes).
4. Os nossos conhecimentos do gótico baseiam-se, como é sabido, quase exclusivamente na tradução fragmentária da Bíblia, feita pelo bispo Ulfilas, que chefiava, nos meados do séc. IV, o grupo cristão dos visigodos que, fugindo à perseguição dos seus patrícios pagãos, atravessaram o Danubio para se refugiarem na Mésia com o consentimento de Constâncio (**Meso-godos** ou **Goti menores**).
5. O primeiro que, numa obra de conjunto, deu alguma atenção aos nomes próprios, foi F. HOLTHAUSEN no seu *Gotisches Etymologisches Wörterbuch (mit Einschluss der Eigennamen und der gotischen Lehnwörter im Romanischen)*. Heidelberg, 1934, que para este efeito se socorreu das contribuições de Dietrich, Bezzenberger, Kremer, Wrede, Schönfeld, Meyer-Lübke, Sachs e Gamillscheg. A 3<sup>a</sup> edição do *Vergleichendes Wörterbuch der gotischen Sprache*, de S. FEIST (Leiden, 1939), acolheu apenas alguns antropónimos que figuram nas duas cartas de venda de Nápoles, no Calendário gótico, bem como nas raras inscrições rúnicas. Praticamente o rico tesouro dos antropónimos peninsulares fica, pois, ainda por explorar.
6. *Die deutschen Personennamen*, publicada em *Deutsche Namenkunde*. Göttingen, 1938, pp. 1-12.
7. Não se pode, contudo, excluir **a priori** a possibilidade de o gótico – se porventura era ainda falado por uma minoria nos princípios do séc. VIII – ter encontrado um refúgio, depois do desastre do Guadalete, nos montes das Astúrias, vivendo obscuramente durante mais alguns decénios antes de se apagar definitivamente.
8. À discrepância que se observa entre nomes germânicos e não germânicos já se referiu P. AEBISCHER, a p. 20 do citado estudo sobre o onomástico catalão, onde se lê: "... il semblerait, si l'on s'en tient à la liste des noms de personnes dressée par Hübner, que, vers le V<sup>e</sup> ou VI<sup>e</sup> siècles, les noms latins étaient encore prépondérants dans la péninsule ibérique; ce ne serait qu'un peu plus tard que les noms germaniques, et plus particulièrement gothiques ... se seraient imposés." E, mais adiante, com respeito à Catalunha: "En tout cas, la

prédominance des noms germaniques existe déjà dans les plus anciens documents; elle est en général assez forte: trois noms germaniques pour un d'origine différente."

9. A proporção de 5:1 à favor nos nomes godos pode ser ainda muito maior nos documentos mais antigos do NO. da Península. Assim, num documento galego de 879 (Sáez, Doc. gall., nº 10), figuram nas assinaturas finais 10 nomes, sendo 8 góticos (**Godesteus, Fofinus, Senetrudia, Trudilli, Aroaldus, Ansemundus, Dadila, Astriuerga**), um latino (**Severinus**) e um manifestamente indígena (**Nausti**). De 14 testemunhas que assinam a carta de venda de 842 (nº 4 da mesma publicação), nada menos de 12 são incontestavelmente germânicos (**Gundulfus, Leouegildus, Biddi, Sindiverga, Anilo, Uistragildus** (cognomento **Gotinus!**), **Gundisaluus, Gemundus, Uiuildus, Salamirus, Rodericus, Emmarius**), 1 apenas latino (**Simplicius**) e um de origem obscura (**Rindotertir**). Esta vantagem que leva o elemento germânico é ainda superior àquele que se observa no *Polyptychon Irminicnis*, apontado como extrema, onde sobre 8 nomes francos ocorre só um latino.
10. Ver a este respeito: R. MENÉNDEZ PIDAL, *La epopeya castellana a través de la literatura española*, Buenos Aires, 1945, pp. 22 e ss. — *El rey Rodrigo en la literatura*, 1924, pp. 14 e ss. — *Floresta de leyendas heroicas*, I, 1925, pp. 24 e ss.
11. Devido à penúria das bibliotecas que estavam ao nosso alcance, tivemos de prescindir de algumas espécies bibliográficas de capital importância, como, p. ex., os trabalhos de STARK (*Die Kosenamen der Germanen*. Viena, 1868); WREDE (*Über die Sprache der Wandalen*. Estrasburgo, 1886); SCHROEDER (*Grundgesetze für die Komposition der altdeutschen Personennamen* (Göttingen, 1940).
12. *Nomes germânicos na toponímia portuguesa*, nºs 789 e 806.
13. No primeiro elemento de composição, o **i** aparece em formas isoladas como **Fridinando** (séc. XI, Dipl. 65) e **Fridixillo** (séc. XI, Dipl. 301). É de notar que, segundo Schroeder, *Deutsche Namenkunde*, p. 47, nota, o antigo alto alemão distinguia ainda, no tempo de Ekkehard, com bastante nitidez entre nomes masculinos em **-frīd** e femininos em **-frīd**, os primeiros formados com o substantivo, os últimos com o adjetivo. J. SCHATZ, em *Zeitschr. f. Namenforschung* XIV (1938), p. 104, admite que os nomes em **-frid**, **-frit**, na colecção de Förstemann, pertencem a **frīth** "pulcher", e não a **fridu** "paz".
14. A forma **Ergonza** figura, na realidade, num doc. de 1057, Diplom. 245.
15. Cf. a grafia **Etlia**, séc. XI, Dipl. 303, por **Elias**.
16. Temos a impressão de que o marido, talvez por ser de condição social inferior, foi denominado segundo o nome da esposa, o que explicaria também o facto de esta vir em primeiro lugar, acompanhado do qualificativo de **illustris femina**.
17. Meyer-Lübke, I, 89, que duvida da existência de uma alternância vocálica germânica **-ul- < -il-**, admitida por Brugmann e Wrede, pensa na influência do sufixo latino **-ulus, -ula**. Quer parecer-nos que o antagonismo, que opõe um nome gótico em **-a** a um românico em **-o**, e viceversa, não é favorável à esta explicação.
18. Sobre outras possibilidades de explicar o tema **hun-**, cf. Schönfeld, 143, e Sachs, 37.
19. Cf. F. KLUGE, *Deutsche Sprachgeschichte*<sup>2</sup>, § 38.

20. MEYER-LÜBKE, *Rom. Nam.* II, 82, ao analisar o conhecido nome medieval **Mummadomna**, inclina-se a considerar como sendo ibéricos os dois elementos que o compõem. Observaremos que a existência de **Tutadomna** (cf. **Tuta**, **Toda**, etc.), **Matredomna** e **Auro Domna** (a-par de **Auro** simples), sem falar do nome histórico **Julia Domna**, não favorece esta interpretação, devendo **-domna** ser o lat. **domina**, aposto ao nome como título honorífico.
21. Cf. o tratamento de **tia** e **avozinha** que, em português, se pode dar em certas circunstâncias, a mulheres do povo.
22. Ver mais nomes em **-o** a pág. 21 do estudo de Aebischer, que aponta, entre outros, **Ago / Aigo / Eigo** e **Emmo / Emo**.

(Extraído de Estudios dedicados a Menéndez Pidal - Tomo VI - Madrid, CSIC, 1956, pp. 111 - 143. Respeitou-se a ortografia do original).